13:04 43%

_ SEG_ Fernando Cabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Eliu Lira (quinzenal) _ Inaçuã Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal)
_ TER_ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ QUA_ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Saviatta (quinzenal) _ QUI_ Merval Pereira _ Nati Gaspar
_ SEX_ Vera Magalhães _ Fábia Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ SÁB_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Paulo Cristóvão _ DOM_ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

DORRIT HARAZIM

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

Duas raças

Acrônimos são aquelas sopas de letras maiúsculas que costumam designar entidades de nomes compridos como IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ou Unesco (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). Não existem para provocar emoção ou sentimento — em si, são neutros, indolores, inodoros. Exceto pelas cinco letras de WCNSF. Essas ferem, fazem chorar, causam horror e dor. Significam Wounded Child, no Surviving Family, ou Criança Ferida sem Familiares Vivos. A sigla nem existia antes do ataque terrorista do Hamas de 7 de outubro e da consequente terraplenagem da Faixa de Gaza desencadeada por Israel. Nunca fizera falta, pois em nenhuma guerra anterior a orfandade infantil foratão maciça.

De qualquer ângulo que se olhe, as crianças palestinas do enclave formam um capítulo à parte da desumanidade em curso. Estatísticas de guerras anteriores mundo afora registravam média de 20% de crianças do cômputo total de vítimas. Em Gaza, elas são 40%. Dados levantados pela Save the Children apontam para mais de dez crianças mutiladas por dia, com a perda de uma ou ambas as pernas. Isso há quatro meses. E talvez já chegue a 25 mil o número das que perderam ao menos um dos pais na guerra.

Em Gaza, as crianças WCNSF abrigadas em hospitais ou junto a agências internacionais por vezes nem sequer sabem declinar o nome. Emergem mudas de algum escombro, cobertas de pó e sangue. Não choram, não demonstram medo. Estão em choque, à deriva na devastação geral. Inicia-se então uma labiríntica procura por alguma família aparentada capaz de acolher mais uma infância em ruínas. As que têm a sorte de continuar com algum colo de mãe ou presença de pai/tio/avô por perto, as sequelas previsíveis são inomináveis. Uma observação do chefe de comunicação do Unicef dá a dimensão do drama sentido por qualquer adulto na população cada vez mais sitiada: fazer de tudo para que a criança não perceba que você perdeu o controle. Essa talvez seja a carga mais dura de qualquer adulto em Gaza, hoje.

A pediatra americana Seema Jilani, assessora sênior do Comitê Internacional de Resgate, que atua globalmente em emergências de saúde, passou duas semanas no Hospital Al-Aqsa de Khan Yunis. Em longa entrevista a Isaac Chotiner, da New Yorker, ela relatou como foram suas primeiras horas de plantão ali. Chegara acompanhada de alguns cirurgiões, um obstetra, um anestesista e um intensivista vindos do Cairo.

Já trabalhara em emergências no Afeganistão, no Iraque, no Líbano, no Egito, na Turquia, na Líbia, no Paquistão e há 19 anos fazia *pit stops* na Cisjordânia e em Gaza. Ainda assim, nada a preparara para o horror que viu no enclave desta vez. A ausência de dignidade ali possível lhe pareceu abissal.

A primeira criança a cair sob seus cuidados foi um menino de 12 meses:

— Ele tinha o braço e a perna direita arrancados por uma bomba. A fralda estava ensanguentada e se mantinha no lugar, apesar de não haver mais perna. Eu o tratei primeiro no chão, pois não havia macas disponíveis (...). A seu lado havia um homem emitindo os últimos respiros. Estava ativamente morrendo havia 24 horas, com moscas por cima (...) O bebê de 1 ano sangrava profusamente no tórax... Não havia nem respirador, nem morfina, nem medidor de pressão em meio ao caos. (...) Um cirurgião ortopédico envolveu com gaze os tocos da criança e comunicou que não a levaria de imediato para o centro cirúrgico porque havia casos mais urgentes — contou com crueza a dra. Jilani.

'Ele tinha o braço e a perna direita arrancados por uma bomba. A fralda estava ensanguentada'

E concluiu, com empatia, que não conseguia imaginar o que poderia haver de mais emergencial que um bebê de 1 ano sem mão nem perna, sufocando no próprio sangue. A resposta, é claro, todos sabemos, a pediatra também: algum outro estropiado da guerra, com pelo menos uma ínfima chance de ser salvo. Considerando as carências colossais, não era o caso daquele bebê.

Indagada sobre como avaliava a utilidade de sua presença no caos do Al-Aqsa, Jilani apontou para algo muito além da emergência clínica: para o corpo médico do hospital, a chegada da equipe estrangeira significou que eles não haviam sido esquecidos, evidenciava que o mundo não os deixara sozinhos.

Dias atrás, mais um complexo hospitalar em Khan Yunis foi submetido a assalto maciço por parte das tropas de Israel. Segundo o governo de Benjamin Netanyahu, o hospital abrigava integrantes do Hamas e poderia esconder os restos mortais de alguns dos 130 reféns israelenses ainda em mãos do grupo terrorista. O caos, as mortes, o desamparo de civis apenas se repetem e se avolumam. O anunciado plano israelense de ataque *tous azimuts* à cidade de Rafah visando a derrotar os terroristas do Hamas é uma insânia. Ali está espremido 1,5 milhão de palestinos já exauridos. Fugiram do chão que habitavam mais ao norte para escapar dos bombardeios. Estão numa ratoeira, enquanto o Egito ergue um muro de 7 metros de altura delimitando vasta área do Sinai. Talvez para recebê-los *in extremis*? Quem sabe o mundo acorda? Como constatou o maravilhoso psicanalista Viktor Frankl, judeu austríaco que sobreviveu a Auschwitz, no fundo existem apenas duas raças — pessoas decentes e pessoas indecentes.

BERNARDO MELLO FRANCO

oglobo.com.br/bernardo
X: bernardomf
bmf@oglobo.com.br

O papel dos empresários

Em gravação encontrada pela Polícia Federal, o tenente-coronel Mauro Cid afirma que empresários encorajaram Jair Bolsonaro a "virar o jogo" depois da derrota nas urnas.

A mensagem trata de uma reunião em novembro de 2022, quando Lula já havia vencido a eleição presidencial. Bolsonaro seguia encastelado no Alvorada, conspirando para dar um golpe e continuar no poder.

Cid cita os donos de três marcas famosas: Luciano Hang, da Havan; Meyer Nigri, da Tecnisa; e Afrânio Barreira, do Coco Bambu. O militar também menciona "aquele cara da Centauro" — para a PF, uma provável referência a Sebastião Bomfim.

Em notas à imprensa, os quatro contestaram o relato e negaram ter participado da trama golpista. Agora a polícia terá que descobrir quem está mentindo.

Bolsonaro vende a fábula de que chegou ao poder sem ajuda do sistema, graças à genialidade do filho e às redes sociais. No mundo real, foi o candidato ungido pelo poder econômico para derrotar o PT em 2018.

Antes da campanha, o capitão já era conhecido pelo extremismo. Exaltava a ditadura, defendia a tortura e pregava o fuzilamento de adversários políticos. Nada disso impediu que os donos do PIB aderissem a seu projeto.

Em 2022, parte do empresariado resolveu se descolar do presidente que atacava as instituições e ameaçava desrespeitar o resultado das urnas. Bolsonaristas de carteirinha, Hang, Nigri, Bomfim e Barreira ficaram a seu lado até o fim.

Antes de chegar ao Planalto, Bolsonaro já defendia golpe, ditadura e tortura. Nada disso impediu os donos do PIB de apoiá-lo

O quarteto não estava só. Ex-presidente da Fiesp e eterno candidato ao governo paulista, Paulo Skaf prometeu "não faltar" ao aliado. "Ele pode falar o que não deve, mas ele faz o que deve ser feito", disse, dias antes do segundo turno. A frase é um lembrete de que o encantamento com Bolsonaro não se deveu a seus olhos azuis.

O capitão sempre viveu às custas do poder público, mas se embrulhou na bandeira do fundamentalismo de mercado. "É horrível ser patrão no Brasil", declarou.

Eleito, empenhou-se no desmonte do Estado e da legislação trabalhista e ambiental. Seu governo defendeu um capitalismo selvagem, em que tudo seria permitido em nome do lucro: do garimpo em terras indígenas ao trabalho infantil, que voltou a crescer após anos de queda.

"Tive uma reunião *face to face* com Bolsonaro e vi um cara com posições fantásticas", derramou-se o dono da Centauro, ao declarar seu voto em 2018. O empresário dizia ter "confiança cega" em Paulo Guedes, liberal de estimação do capitão.

Tempos depois, o ministro da Economia participaria da reunião em que Bolsonaro falou abertamente num golpe para melar a eleição. Permaneceu em silêncio, mexendo despreocupadamente com seus papéis.

A folia de Lira

Arthur Lira usou avião da FAB para pular o carnaval no Rio e em Salvador. Na Sapucaí, posou alegremente com o bicheiro Aniz Abrahão David, o Anísio. A presença do chefão da Câmara não deu sorte à Beija-Flor. A escola recebeu R$ 8 milhões da Prefeitura de Maceió, mas amargou o oitavo lugar.

ARTIGO

Agência da ONU deve acabar, pelo bem dos palestinos

IGOR SABINO

Nos últimos dias, vários países suspenderam suas doações à UNRWA, a agência da ONU para refugiados palestinos. Entre eles, importantes doadores, como Estados Unidos e Alemanha. Tudo isso após denúncias de que funcionários da organização mantêm relações com o Hamas e até participaram do massacre de 7 de outubro, no sul de Israel. Alguns deles chegaram até a manter reféns israelenses em cativeiro.

Também há evidências de que um centro de dados e operações militares do grupo terrorista funcionava embaixo da sede da UNRWA na Faixa de Gaza. Há agora um intenso debate sobre o futuro da agência da ONU, sobretudo depois da guerra, tendo em vista seu papel no fornecimento de ajuda humanitária e gerenciamento de escolas e hospitais nos territórios palestinos.

A UNRWA corre o risco de que suas operações sejam suspensas. Isso tem levado diversos ex-doadores a repensar novas formas de fornecer ajuda humanitária aos palestinos, por meio de outras organizações já existentes. O Brasil, contudo, tem ido na contramão dessas democracias. Nesta semana, em discurso no Cairo, durante encontro da Liga Árabe, o presidente Lula afirmou que, embora apoie as investigações sobre o envolvimento da UNRWA com o Hamas, este não é o momento de fechá-la e disse que aumentará as doações brasileiras. Ele praticamente reiterou o discurso que já fizera a representantes árabes durante encontro na embaixada da Palestina em Brasília dias atrás.

A postura brasileira é lamentável. Não apenas pelas claras evidências que atestam a instrumentalização da UNRWA pelos terroristas do Hamas. No livro "A guerra do retorno", publicado em 2020, os cientistas políticos Adi Schwartz e Einat Wilf já denunciavam outros problemas que questionam a própria função dessa agência. Entre eles, destaco a excepcionalidade da definição de refugiado aplicada aos palestinos, justificando a existência da UNRWA.

Funcionários da organização mantêm relações com o Hamas e até participaram do massacre de 7 de outubro, no sul de Israel

A agência foi fundada em 1950, a fim de atender às necessidades dos cerca de 700 mil árabes que perderam suas casas durante a Guerra de Independência de Israel, em 1948. Um número igual ou maior de judeus foi forçado a sair dos países árabes nessa guerra e em anos posteriores, mas nunca recebeu ajuda da ONU. Israel os acolheu. Na época, ainda não havia a Convenção de Genebra sobre Refugiados, aprovada em 1951, nem o Acnur, a agência da ONU para refugiados. Inicialmente, ambos teriam escopo territorial limitado e seriam temporários. A UNRWA ficaria responsável apenas pelos refugiados palestinos no Oriente Médio, o Acnur pelos europeus deslocados pela Segunda Guerra Mundial.

No entanto, em 1967, o escopo do Acnur foi ampliado e passou a abarcar todos os refugiados do mundo. Com isso, a UNRWA deveria ter sido extinta, e os palestinos ficariam sob o mandato do Acnur. Ocorreu o oposto: o Acnur passou a definir como refugiado qualquer pessoa obrigada a deixar seu país de origem por alguns tipos específicos de perseguição. A UNRWA seguiu definindo como tal apenas aqueles que viviam na região da Palestina entre 1º de junho de 1946 e 15 de maio de 1948 e haviam perdido suas casas durante a guerra de 1948, inclusive os que se deslocaram internamente.

As consequências têm sido desastrosas. Os refugiados do Acnur têm a possibilidade de ser integrados ao país para o qual fugiram ou reassentados num terceiro quando não é possível voltar, como os palestinos. A UNRWA, porém, não oferece esse tipo de solução. Assim, há 6 milhões de pessoas que hoje se consideram refugiados palestinos, a maioria filhos, netos e bisnetos dos verdadeiros refugiados. A maioria mora na Cisjordânia, em Gaza, no Líbano, no Egito, na Síria e na Jordânia em condições terríveis. Os netos e bisnetos dos demais refugiados do mundo não são refugiados, mas cidadãos dos países onde nasceram. Se fossem tratados desse modo, esses palestinos viveriam melhor, com mais direitos. Isso teria evitado grande sofrimento. E não impede que, se um Estado palestino for criado no futuro, quem quiser possa morar nele.

Pelo bem dos palestinos, portanto, a UNRWA deve acabar.

Igor Sabino é ecoutor em ciência política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), gerente de conteúdo da Stand With Us Brasil e pesquisador do Philos Project